
A poesia ensina? Re-ligando *mitos e logos* a caminho do pensamento complexo

Daysi Camargo

Graduada em Ciências Sociais – USP;
Mestre em Educação – PPGE/Uninove
camargodaisy@ig.com.br

Este artigo considera os recursos didáticos que a linguagem poética oferece para uma estratégia pedagógica que pretenda re-ligar o pensamento empírico-lógico-racional com o pensamento simbólico-mitológico. Partindo de um diálogo entre os pensamentos de Carl Gustav Jung e Edgar Morin, este estudo considera a riqueza da poesia como facilitadora do desenvolvimento do conjunto dos focos de subjetivação existentes, em potencial, em todo ser humano, segundo a teoria junguiana das funções ectopsíquicas, dos tipos psicológicos e do potencial criativo, do contato da consciência com as imagens simbólicas do inconsciente. Desenvolve a convergência entre o enfoque junguiano e a proposta de Morin de uma nova educação que busque superar a unilateralidade racionalista do paradigma cultural dominante – técnico/científico – que impregna todo o nosso sistema de ensino, e que não favorece o desabrochar da criatividade do educando. Tal proposta implica recuperar a capacidade de mitologizar, perdida pelo homem moderno, por meio do pensamento complexo que saiba fazer dialogar “mitos” com *logos*.

Palavras-chave: Aprendizagem. Pensamento complexo. Pensamento-fantasia. Poesia

A poesia é a palavra do Arquí Espírito [...] As palavras, liberadas dos limites rígidos da lógica e da denotação, jogam, enlaçam-se, entregues às imantações e alquimias do Espírito Anterior [...] As nossas verdades mais profundas são procuradas (encontradas?) em Poesia (MORIN, 1999, p. 273).

1 Nosso padrão cultural de educação

Segundo Morin, a poesia seria o instrumento, por excelência, da busca de “nossas verdades mais profundas” porque teria a virtude de re-ligar o que a cultura moderna separou: mitos e logos, o pensamento simbólico-mitológico e o empírico-lógico-racional (MORIN, 1999, cf.). As instituições culturais e educacionais valorizam e desenvolvem, nas pessoas, o que a cultura moderna considera importante: a razão, o intelecto. O padrão cultural moderno é produtor da unilateralidade do logos. Desconsidera, não valoriza e anula os outros lados do indivíduo, atrofiando-os ao longo do processo educativo-socializador marcado por essa unilateralidade, que é a do cientificismo racionalista. O sujeito moderno é, portanto, aquele especializado no pensamento lógico-racional. É logocêntrico.

Essa unilateralidade é acompanhada por outra que a completa de acordo com o padrão cultural: a extroversão da libido para os objetos externos que devem ser conquistados, possuídos e consumidos. A introversão não é valorizada, é escarnecida, mal-vista. A conquista da interioridade, da vida interior, é considerada “perda de tempo”. Assim, especializamo-nos também na extroversão produtivista e consumista.

A libido do homem/mulher, típicos da modernidade, percorre, unilateralmente, sempre o mesmo caminho, move-se na monotonia da mesma direção do “tempo-do-sempre-igual” (MARONI, 2001, cf.): o tempo linear do logos e da busca da felicidade no exterior por meio da posse da parafernália de objetos a produzir e a consumir.

Essa unilateralidade do padrão moderno, constitui-se em fonte de desequilíbrio e insatisfações porque produz pessoas reduzidas a apenas alguns fragmentos de si mesmas. Violenta a inteireza humana que existe para ser vivida. A psicologia junguiana ajuda a aprofundarmo-nos nessa questão. Para Jung, a vivência da inteireza humana pressupõe o desenvolvimento de uma multiplicidade de focos de subjetivação, ou eixos subjetivos de referência, por meio dos quais a consciência se relaciona com o mundo. Esses focos constituem-se na combinação do que Jung denomina tipos psicológicos com as funções ectopsíquicas. Os tipos são o extrovertido (libido orientada para o exterior) e o introvertido (libido orientada para o interior da psique). São opostos e complementares. Um dos aspectos constitutivos da inteireza humana é, pois, saber unir esses opostos, ou seja, saber utilizar os dois focos de maneira mais ou menos equilibrada, de acordo com as necessidades do ritmo cíclico da vida (JUNG, 1981, cf.).

Os tipos psicológicos se ligam e se combinam de diferentes maneiras com as funções ectopsíquicas da consciência. São elas a sensação e a intuição, opostas e complementares, o pensamento e o sentimento, também opostos e complementares. A sensação é a “função do real”: com ela constatamos que algo existe. O pensamento nomeia, conceitua esse algo por meio de uma ordem lógica racional. O sentimento é a função valorativa, atribui valor ao

que existe, estabelecendo uma hierarquia em termos do que é mais importante, mais agradável, mais digno, mais justo. É impossível a reflexão ética consistente em uma pessoa que não tenha essa função diferenciada, desenvolvida e organizada. A intuição presente de onde vem e para onde vai o que existe. É uma função irracional e está ligada às percepções subliminares do inconsciente (JUNG, 1972, cf.).

Não cabe aqui discorrer sobre as múltiplas possibilidades combinatórias desses focos de subjetivação. O importante, para nosso objetivo, é a consideração de Jung de que o homem/mulher modernos sofrem de uma atrofia desse conjunto complexo de focos de subjetivação da consciência. A cultura moderna privilegia o pensamento, levando à unilateralidade do *logos*: o “penso, logo existo” cartesiano. Conseqüentemente, subvalora seu oposto, o sentimento, base instintiva da reflexão ética. Daí que o conhecimento, que produz a tecnologia, não tenha condições de incluir, em sua perspectiva, a dimensão ética do para que e como produzir conhecimentos, e com que objetivos valórico-existenciais. Ao lado do pensamento, a cultura privilegia a atitude extrovertida, o que leva o sistema educativo a considerar desnecessário o desenvolvimento do socrático “conhece-te a ti mesmo” por meio do exercício do contato introspectivo com a vida interior.

Enfim, os focos de subjetivação não valorizados pela cultura – o sentimento, a intuição e a introversão – não encontram condições socioculturais favoráveis para sua diferenciação e desenvolvimento. Nem a família, nem a escola, nem os meios de comunicação oferecem condições para que floresça a introversão combinada com a extroversão, a intuição e o sentimento. No máximo, a cultura dá lugar à sensação, fun-

ção necessária para o bom exercício da privilegiada extroversão.

Segundo Jung, todos nascemos com uma predisposição inata para utilizar melhor uma das funções, a principal, e, ao mesmo tempo, com uma função inferior, a que menos sabemos utilizar. Da mesma forma, temos inclinação inata para um dos dois tipos psicológicos, mas possuímos, em potencial, a capacidade de chegar a diferenciar e organizar todo o conjunto complexo dos focos de subjetivação, um compensando ou auxiliando o outro em nossa percepção do outro e do mundo. Contudo, o que o sistema educativo faz é reproduzir o padrão cultural pensamento/extroversão para favorecer a conquista e o controle do outro (disciplinarização/normalização/uniformização) e da natureza por meio da técnica.

A criança, desde o início de seu processo de socialização, tem sua função pensamento educada (domesticada, seria um termo mais apropriado) por todo e qualquer artefato da cultura: escolas, meios de comunicação, sistemas de saúde etc. Se, como predisposição endógena, essa criança estiver apta a ativar sua função pensamento, a civilização como um todo virá em seu auxílio e a convidará a especializar-se nesta função. É como se emprestasse asas a esse feixe único de forças, levando-o, artificialmente, para além dos limites impostos pela natureza. Se, ao contrário, sua função pensamento for inferior, duas possibilidades se desenharão: a) a criança, para competir no seu meio, ver-se-á obrigada a desenvolver precocemente sua função inferior. Sofrerá uma distorção e vivenciará uma ferida, às vezes, incurável; adaptar-se-á à custa do seu prazer de existir, e b) será precocemente expulsa das instituições sociais, em particular das educacionais que costumam ser impiedosas com crianças que têm como funções principais

o sentimento e, sobretudo, a intuição. São os inadaptados, os que não conseguem vivenciar (*sic*) o princípio de realidade, os marginais da cultura. Há poucos caminhos culturais para os intuitivos (...) De forma geral (...) a cultura não lhes facilita a vida, nem está a seu serviço (MARONI, 2001, p. 97-98).

2 A inteireza humana na relação entre consciência e inconsciente

Além dos focos de subjetivação da consciência, considerados até aqui, a inteireza humana supõe, na psicologia junguiana, a relação da consciência com o inconsciente como compensadora das unilateralidades das atitudes conscientes. No entanto, a função saudável e equilibradora da compensação do inconsciente, para efetivar-se, supõe introversão, exercício do autoconhecimento e abertura da consciência ao inconsciente para saber escutar o que “o outro em nós” está-nos querendo dizer. Contudo, a cultura moderna é a do sujeito de identidade fixa, rígido, identificado apenas com o ego, acreditando-se uno na sua posição egóica e, portanto, com enormes dificuldades para admitir a existência de uma multiplicidade de outros que pedem a palavra a partir do inconsciente. No padrão cultural moderno, este sujeito está separado de seu inconsciente.

Jung considera que o homem moderno distanciou-se da relação integradora não só com a natureza externa, mas também com a natureza dentro de si mesmo, suas raízes instintivas inconscientes. Criou muralhas, sólidas barreiras racionais que obstaculizam o contato da consciência com o mundo instintivo-arquetípico do inconsciente coletivo, carregado

de dinâmica mítico-simbólica, que constitui os meios que a natureza oferece à consciência para rever-se, renovar-se e, fundamentalmente, para poder exercer a criatividade humana na ação e no pensamento. Assinala em sua obra, de forma reiterada, as limitações e desarmonias de uma consciência separada da potência criativa do inconsciente:

A alma não é de hoje! Sua idade é de muitos milhões de anos, mas a consciência individual é apenas a eflorescência e frutificação estacional que nasce do perene rizoma subterrâneo. Essa eflorescência e frutificação se encontram em harmonia com a verdade só quando integram, em seus cálculos, a existência do rizoma, pois a rede de raízes é a mãe de tudo (JUNG, 1982, p. 16-17).

Separar-se do inconsciente significa não só não abrir-se para a sua função compensadora, mas também separar-se da matriz geradora da criatividade humana. Morin considera, da mesma forma, a importância da abertura para o inconsciente na busca da criatividade do pensamento/ação.

Avanço retardatário, a consciência precede o inconsciente na vanguarda do espírito, mas, ao mesmo tempo, corre atrás dele, na retaguarda, tentando recuperar um formidável saber inconsciente acumulado pela evolução biológica até o *homo sapiens* (...) As invenções e criações podem ser consideradas como os produtos mais eminentes da consciência humana, mas esses picos de consciência são inseparáveis de uma eflorescência e de um trabalho inconsciente, ou melhor, de uma dialógica consciência/inconsciência. A criação surge nas franjas de interferência entre o consciente e o inconsciente, talvez de um reencontro turbulento entre a busca consciente, de um lado, e a ativação das fontes imaginárias/oníricas, de outro, e, por fim, o redes-

partar dos recursos arcaicos do espírito. O que se chama de gênio surge aquém da consciência, ilumina-a, ilumina-se por meio da consciência e dela escapa (MORIN, 1999, p. 213).

Facilitar a possibilidade da superação da cisão entre consciência e inconsciente e criar condições para o desenvolvimento do conjunto dos focos de subjetivação (tipos e funções) – buscando a superação das unilateralidades de uma cultura atrofiadora da totalidade, una e múltipla da psique – são tarefas fundamentais para uma estratégia pedagógica que se pretende inovadora e questionadora do padrão cultural dominante.

No entanto, o que é possível fazer em relação a essas tarefas que implicam questões tão complexas e delicadas? É possível construir uma estratégia que abra canais facilitadores para a emergência do reprimido, ou do atrofiado, do virtualizado no inconsciente por uma cultura que fragmenta e unilateraliza o homem/mulher contemporâneos, impedindo a vivência da sua inteireza humana e tentando reduzi-los a uma “pura substância pensante”, no sentido aristotélico-cartesiano. Pretendo apontar aqui apenas um dos possíveis canais facilitadores para a realização dessas tarefas, que considero fundamentais, se pretendemos abrir caminho em direção a uma renovação cultural: o resgate do pensamento simbólico-mitológico, relegado a um plano secundário pela modernidade, e sua re-ligação com o pensamento empírico-lógico-racional, tal como propõe Morin (1999, p. 168 em diante), por meio da linguagem poética.

3 Poesia e linguagem do inconsciente

Na proposta pedagógica moriniana de uma educação para o pensamento complexo

(MORIN, 2003, cf.) está presente, com muita força, a idéia de recuperação da inteireza humana por meio de re-ligações superadoras das unilateralidades do paradigma dominante. Uma delas é a de *mitos* com *logos*. Para o autor, a anulação do simbólico e do mítico leva a uma unilateralidade do pensamento que torna a vida insuportável. Essa anulação separa as idéias dos valores (os pensamentos dos sentimentos), tornando-as vazias de existência, ‘dessubstancializando’ a realidade. A eliminação do simbólico e do mítico “esvazia o nosso intelecto da existência, da afetividade, da subjetividade, deixando lugar apenas para as leis, equações, modelos, formas” (MORIN, 1999, p. 192-193).

A proposta de Morin converge com o pensamento junguiano para o qual re-ligar *mitos* e *logos* significaria abrir canais para o diálogo da consciência com o inconsciente, pensamento embasado nas fontes arquetípicas do inconsciente coletivo. Em sua obra *Símbolos de transformação* (JUNG, 1982), o autor distingue o que denomina pensamento dirigido do não-dirigido. Enquanto o primeiro é o pensamento da consciência, lingüístico por excelência, racional-lógico, voltado para o exterior, para a adaptação à vida social, para a comunicação, o segundo é aquele que emerge do diálogo da consciência com o inconsciente, que, para Jung, é o pensamento-fantasia. Voltado para o interior da psique, distancia-se da realidade exterior e libera as tendências subjetivas. Esse pensamento ocorre quando, por exemplo, dialogamos com nossos sonhos e fantasias. Ele incorpora o analógico e se processa por um diálogo com imagens simbólicas polissignificativas, acompanhadas por diversas gradações de carga afetivo-emocional. Se quiséssemos sintetizar o que é o pensamento-dirigido da consciência, diríamos que se processa pela palavra, portanto, verbal, por excelência.

O pensamento-fantasia, que é representado pela imagem, ao contrário, extrapola a verbalização utilizando-a apenas como um instrumento auxiliar. Esta deve estar a serviço das imagens na busca da compreensão de seus significados que fogem aos conceitos verbais.

Para Jung, entrar em contato com o inconsciente significa dialogar com as imagens simbólicas por ele produzidas, amplificando-as, pois condensam uma multiplicidade de significações pessoais e coletivas. Referimo-nos a figuras da imaginação que são reais, na medida em que nos remetem à objetividade da vida psíquica inconsciente. O procedimento lingüístico da consciência – a palavra guiada pela lógica racional, pelos conceitos do pensamento dirigido – não consegue dar conta do domínio simbólico do inconsciente. Por isto, Jung criou a técnica da imaginação ativa, por meio da qual é possível dialogar com o inconsciente.

O domínio do inconsciente é o do indizível que, como considera Maroni,

[...] quando muito pode significar silêncio, singularidade, indizibilidade [...] tudo o que, na experiência humana, escapa às possibilidades de representação da linguagem e da consciência, dado seu caráter inusual, raro, singular, sutil. (MARONI, 2001, p. 60).

Indizível significa a impossibilidade ou a enorme dificuldade em encontrar palavras, nos limites rígidos da lógica discursiva racional, para expressar significados simbólico-imagéticos.

No entanto, a linguagem poética, ao lado do desenho, da pintura, da dança, abre canais facilitadores para o emergir do pensamento-fantasia. Nessa linguagem, as palavras fogem

do discurso racional, indo em busca de imagens, de metáforas, procurando desenhá-las. Nesse contexto, apenas têm valor as palavras que desenham e que podem atingir o reino das polissignificações simbólicas. As palavras que não desenham atrapalham o fluir da poesia e podem fazê-la abortar. Por isso, o poeta é, antes de tudo, possuir a chave para abrir a porta de entrada às imagens simbólicas ou para o mito. Somente essa chave permitirá ir em busca das palavras adequadas que possibilitarão a alquimia palavra/imagem, fora dos limites rígidos da lógica e dos conceitos verbais. Talvez a isso se refira Drummond de Andrade (1986, p. 186-187), em seu poema “Procura da poesia”:

[...]

Chega mais perto e contempla as palavras

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta sem interesse pela resposta

pobre ou terrível que lhe deres:

Trouxeste a chave?

A linguagem poética consiste numa luta entre a palavra e a imagem, elementos antagônicos, que, no entanto, podem complementar-se. A realização bem-sucedida dessa complementação significa uma união criativa: a re-ligação entre “mitos” e *logos*. Na poesia está presente o pensamento duplo, ao qual se refere Morin. A poesia possui “[...] uma dupla consciência, uma totalmente participante e aderente; a outra duplicada, em ‘vigília’. Assim, permanecemos no mundo empírico racional, mesmo vivendo nosso mundo mitológico [...]” (MORIN, 1999, p. 273).

Segundo o autor, por unir o mito e a razão, a linguagem poética teria condições de melhor se aproximar da expressão do mundo do indizível. Assim, a poesia seria

encantamento sem rito e sem altar. Plena de Secreto, de Sagrado e de Mistério. Atinge o limite do que se pode dizer e conceber no *no man's land*, onde as palavras falam do que não pode ser dito e 'traduzem o silêncio' [...] (MORIN, 1999, p. 273).

4 A didática da poesia

Considero que o exercício da poesia, ou seja, o aprendizado desse exercício de ler, escrever, estudar, intuir e sentir a poesia constitui instrumento facilitador da emergência dos focos de subjetivação, negligenciados pela cultura dominante. Esse exercício estimula o desenvolvimento das funções psíquicas atrofiadas, principalmente o sentimento e a intuição, além da atitude introvertida, necessária para desenvolver a capacidade de fantasiar. Esses desenvolvimentos flexibilizam e ampliam a consciência, abrem novas perspectivas, possibilitando a percepção da existência de "um outro", subjacente a ela, o inconsciente, que lhe envia mensagens na forma de imagens-fantasia que impulsionam seu potencial de criatividade.

A autonomia do sujeito, o exercício de sua vontade e capacidade de decisão e sua criatividade fortalecem-se em proporção ao seu embasamento nas fontes primárias instintivas do inconsciente. Isso porque a inteireza humana é consciente e inconsciente, e o papel desempenhado pela vontade, consciente

[...] é o de acionar mecanismos inconscientes através de uma dialógica cons-

ciência/inconsciente, onde a primeira retroage sobre o segundo, do qual é originária. A autonomia da consciência é construída na sua dependência dos processos inconscientes, dos quais emerge. (MORIN, 1999, p. 213).

A poesia tem a potencialidade para conduzir a busca do educando, por guiar as inquietações do espírito humano pelos caminhos do símbolo, do mundo mitológico, onde as identidades não são fixas, mas mutantes, múltiplas, contraditórias, abertas, prenes de novas possibilidades. A luta e acasalamento entre a palavra e a imagem na linguagem poética é facilitadora da emergência de um pensamento unidual, múltiplo, poli-lógico, um pensamento complexo. É da seguinte maneira que o poeta (DRUMMOND DE ANDRADE, 1986, p. 256) nos fala da busca:

"O Deus Mal-Informado"

No caminho onde pisou um deus
há tanto tempo que o tempo não lembra
resta o sonho dos pés
sem peso
sem desenho.

Quem passe ali, na fração de segundo,
em deus se erige, insciente, deus faminto,
saudosos de existência.

Vai seguindo em demanda de seu rastro,
é um tremor radioso, uma opulência de
impossíveis,
casulos do possível.

Mas a estrada se parte, se milparte,
a seta não aponta
destino algum, e o traço ausente
ao homem torna homem, novamente.

A poesia ensina a busca. É o instrumento, por excelência, para estimular, mobilizar emoções que levam a romper as barreiras entre a consciência fixa, racional, lógica, rígida, do padrão cultural moderno e o inconsciente, prenhe de figurações imaginárias de origem arquetípica. Ensina a fazer dialogar a razão com o mito, desenvolvendo os focos de subjetivação da introversão, do sentimento e da intuição, possibilitando, assim, alcançar uma racionalidade aberta, em que, segundo Morin, o racional pode dialogar com o irracionalizável.

Considero que ensinar e educar é conduzir a busca do educando. O processo da aprendizagem só pode ter sucesso se partir das buscas presentes na subjetividade do aprendizando. O que lhe chega do exterior precisa encontrar guarida, ressonância, no seu processo existencial interior de inquietações e busca de respostas.

O sistema educacional que queremos superar é aquele que despeja informações, guiado pela concepção behaviorista do mecanismo *input/output*, que não leva em consideração o que ocorre no interior da “cabeça” do educando, entre as entradas e saídas. Supõe essa interioridade como um vazio a ser preenchido por informações, vazio sem inquietações, sonhos e necessidades próprias. Esse sistema supõe também a aprendizagem como um processo de caminho único, racional, lógico, linear e, sobretudo, isento de emoções, afetividade, beleza e poesia. Essas suposições paradigmáticas criam uma barreira intransponível entre o educador e as inquietações do educando, entre os conteúdos programáticos e a busca do aluno.

A poesia tem virtudes que possibilitam romper essa barreira. Ela é, por excelência, desbravadora de fronteiras entre o subjetivo e o objetivo, entre “mitos” e *logos* e entre os múltiplos focos de subjetivação que, combinados em com-

plementação, possibilitam à consciência fazer germinar os “casulos do possível” que dormem na “opulência de impossíveis” da subjetividade de cada educando.

Does poetry learn? Reconnecting *myths* and *logos* toward a complex thought

This article deals with the convergences between the thoughts of Carl Gustav Jung and Edgar Morin, in which it concerns the critic of the educational modern paradigm. It establishes connections between de Jungian concept of fantasy-thought and the Morinian proposal of reconnection between myths and logos, there is a way to the construction of a complex thought. It proposes the pedagogic use of the poetics language to stimulate the capacity of fantasy and a creative, vital attitude, so necessary to the construction of a new critical view about the technician and utilitarian modern paradigm of education.

Key words: Complex thought. Fantasy-thought. Learning. Poetry.

Referências

- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos de psicologia analítica – As conferências de Tavistock*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *Símbolos de transformación*. Barcelona: Paidós, 1982.
- MARONI, Amnérís. *Figuras da imaginação – Buscando compreender a psique*. São Paulo: Summus, 2001.
- MORIN, Edgar. *O método 3. O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- _____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.